

## Os discursos e as emoções: a desinformação e o discurso do medo no cenário da vacinação contra o coronavírus no Brasil

The discourse and the emotions: the disinformation and the discourse of fear in the context of the coronavirus vaccination in Brazil

Rayane Medeiros dos Santos Cavalcante<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
rayanelamuel@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo investigar como a desinformação nas redes digitais contribui para a produção do discurso do medo no contexto da vacinação contra o coronavírus no Brasil. Em termos teórico-metodológicos, a pesquisa parte dos Estudos Discursivos Foucaultianos, lançando mão dos conceitos de discurso, verdade e biopolítica, somados às discussões acerca da história do medo, de Delumeau (2009) e Halbwachs (2009), além daquelas relativas à história das emoções (Courtine, 2013; 2020; Courtine; Corbin; Vigarello, 2020). Para construir nossa discussão, analisaremos uma notícia falsa sobre a vacina contra o coronavírus, presente no *site* de mídia alternativa *Jornal Tribuna Nacional*, ademais de um pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre as vacinas. Como resultado, concluímos que a desinformação é também estimulada pela maneira como as redes sociais digitais funcionam, além do fato de as *Big Techs* deterem o poder sobre as informações que podem ou não circular. Por isso, é necessária a regulação das redes sociais digitais, a fim de combater essa problemática que é de preocupação mundial.  
**Palavras-chave:** Desinformação; Discurso do medo; Covid-19; *Big Techs*.

**ABSTRACT:** This study aims to investigate how the disinformation on digital networks contribute to the production of the discourse of fear within the context of vaccination against the coronavirus in Brazil. In theoretical and methodological terms, this research is based on Foucauldian Discourse Studies, using the concepts of discourse, truth and biopolitics, in addition to discussions regarding the history of fear, by Delumeau (2009) and Halbwachs (2009), as well as those related to the history of emotions (Courtine, 2013 ; 2020; Courtine; Corbin; Vigarello, 2020). To further develop our discussion, we will analyze a fake news about the coronavirus vaccine, presented on the website of an alternative media source named *Jornal Tribuna Nacional*, in addition to a pronouncement issued by former president of the Republic of Brazil Jair Bolsonaro in relation to the vaccines. As a result, we conclude that disinformation is also stimulated by the way digital social media are operating, besides the fact that Big Techs hold power over the information that may or may not circulate. Therefore, regulation of digital social media is necessary to counteract this problem, which is of global concern.

**Keywords:** Disinformation; Discourse of fear; Covid-19; *Big Techs*.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e possui graduação em Letras Português pela UFPB. É membro do grupo de pesquisa Observatório do Discurso (UFPB), e demonstra interesse pelos estudos em Análise do Discurso francesa, tendo como principal fundamentação os estudos de Michel Foucault.

## Introdução

No primeiro mês do ano de 2020, o mundo foi surpreendido com uma emergência sanitária, a pandemia da Covid-19, que teve seu início na China, na cidade de Wuhan. Nesse contexto, tanto o Brasil quanto o mundo passaram a conviver com as medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS, quais sejam o uso de máscaras, isolamento social, quarentena e testagem em massa. Desde o seu início até hoje (25/05/2025), o coronavírus já matou 716.192 pessoas no Brasil<sup>2</sup>.

Em paralelo a esse cenário de pandemia, emergiram vários discursos em apoio às medidas sanitárias, aos funcionários da saúde, como médicos e enfermeiros, e aos cientistas. Entretanto, também surgiram discursos negacionistas, xenofóbicos (contra a população chinesa) e discursos anticiência e antivacina, além de ataques diretos a todos os governantes que seguissem as recomendações da OMS, ou seja, ademais de lidarmos com uma crise sanitária provocada por um vírus extremamente transmissível e mortal, ainda precisamos enfrentar uma pandemia de desinformação, com funcionamentos discursivos complexos conhecidos como pós-verdade e *fake news*.

A pós-verdade possui dois sentidos: o primeiro deles é a definição defendida por jornalistas e pesquisadores da área de comunicação (Farkas; Schou, 2019 apud Fernandes et al., 2020), que a caracterizam como uma “era”, isto é, como um período histórico marcado pela descrença nos fatos, além da desacreditação das instituições e da supervalorização das emoções. A segunda definição, defendida por Fontana (2021), é aquela segundo a qual a pós-verdade se refere a uma enunciação política, que apresenta um locutor autorizado, um sujeito identificado por nome próprio e por uma instituição do campo político, com um discurso carregado de emoções, além de uma vontade consciente de enganar os sujeitos.

Com a emergência da era da pós-verdade, há também o aparecimento das *fake news*, um funcionamento discursivo que se caracteriza por informações falsas que circulam em formato de boatos, sem um autor identificado institucionalmente, e que costumam viralizar sobretudo nas redes sociais digitais, ganhando caráter de verdade a partir da repetição (Fontana, 2021).

Considerando esse cenário de pós-verdade, *fake news* e emergência sanitária causada pelo coronavírus, este trabalho tem como objetivo investigar como a desinformação nas redes digitais contribui para a produção do discurso do medo no contexto da vacinação contra o coronavírus no Brasil. Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos de

---

<sup>2</sup> *Coronavírus Brasil*, 25 maio 2025. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 maio 2025.

Michel Foucault (1997; 2005; 2013; 2014a; 2014b; 2019; 2020) acerca dos conceitos de discurso, sujeito, verdade, poder, biopolítica, entre outros. Somado a isso, complementaremos nossa discussão com os estudos de Farkas e Shou (2019 apud Fernandes et al., 2020) acerca da plataformização, e de Fontana (2021), que discute os funcionamentos discursivos da pós-verdade e das *fake news*.

Nosso *corpus* de análise é constituído por uma declaração, em uma entrevista no dia 8 de dezembro de 2021, do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, além de uma notícia falsa retirada do *site* de mídia alternativa de extrema-direita, a saber, o *Jornal Tribuna Nacional*, publicada no dia 2 de setembro de 2023. A declaração do ex-presidente foi selecionada considerando o fato de que, à época, o governo brasileiro foi acusado de compartilhar desinformação sobre os cuidados contra a Covid-19 e sobre a vacina; já o *site* foi selecionado considerando que essa plataforma é utilizada de forma recorrente como fonte de notícias falsas que circulam nas redes sociais, a fim de atribuir valor de verdade aos enunciados.

### **Estudos Discursivos Foucaultianos: algumas ferramentas**

Em seu percurso intelectual, o filósofo Michel Foucault se dedicou a entender, sobretudo, o funcionamento dos saberes dentro da sociedade, a partir da observação da maneira como são formados e como circulam os enunciados. Nessa perspectiva, o teórico percebeu que, entre todos os elementos presentes na constituição dos saberes, o discurso se destaca como principal, e é escolhido pelo autor como objeto de estudo.

Assim, o enunciado se constitui como um elemento essencial para o discurso, e é definido como uma produção discursiva singular, nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material. Para o autor, o enunciado é o átomo do discurso, dado que a existência do discurso pressupõe a existência do enunciado que o materializa. Nesse sentido, ao analisar o funcionamento de algumas teorias da linguagem, Foucault percebe que, para que haja enunciado, não é necessário haver uma estrutura proposicional definida, uma frase, ou ainda, um ato elocutório. Isso porque língua e enunciado não estão em um mesmo nível existencial: o enunciado tem características próprias de existência e funcionamento (Foucault, 2020).

A partir dessa discussão, podemos compreender de que forma o discurso funciona. Foucault (2020) o define como um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva e, além de ser constituído pela língua, ele também é histórico; é unidade e

descontinuidade na própria história (Foucault, 2020). Assim, por ser histórico, é permeado pelo saber e pelo poder.

Indo contra as discussões teóricas sobre o poder do século XX, Michel Foucault (Foucault, 2019) percebe que ele não é apenas algo negativo e opressivo, mas é também uma força produtiva de saber e de discurso, que permeia todo o corpo social. Por isso, é prazeroso ser conduzido pelo poder, afinal, há recompensas. Nesse ínterim, o discurso, o saber e o poder se relacionam de maneira mútua, uma vez que o poder produz discurso e saber ao mesmo tempo que o discurso produz efeitos de poder e de verdade.

Ao analisar a formação dos objetos de saber, entre todas as disciplinas disponíveis, Foucault (2020) toma a psicopatologia como objeto de análise. A partir disso, ele se ocupa em observar as regras de existência do discurso psicopatológico no século XIX. Para ele, a formação desse discurso “é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação” (Foucault, 2020, p. 54).

Nesse contexto, o filósofo enumera algumas dessas instâncias de saber-poder responsáveis pela emergência e pela manutenção do discurso psicopatológico ou psiquiátrico, quais sejam as categorias penais e os graus de responsabilidade, além dos planos psicológicos; a instância de decisão médica e a instância de decisão judiciária; o filtro da interrogação judiciária e o filtro do questionário médico; as normas familiares; e, por fim, as restrições terapêutica e punitiva (Foucault, 2020).

Considerando essas instâncias, entendemos como um discurso emerge e se mantém em determinada época, tendo como base diversas instituições de poder, como as citadas anteriormente. Por isso, quando um sujeito era considerado “louco”, esse discurso e essa subjetividade eram produzidos considerando as instâncias de poder enumeradas por Foucault (2020), acarretando que o discurso desse sujeito já não pudesse circular livremente na sociedade.

No caso do Hospital Colônia de Barbacena, fundado no Brasil em 1903, por exemplo, os pacientes admitidos na unidade, em sua maioria, não eram acometidos por doença mental, como afirma Daniela Arbex (2013) na obra *Holocausto Brasileiro*:

A estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos (Arbex, 2013, p. 28).

Dessa forma, percebemos que a relação entre o discurso e o saber-poder produz subjetividades, na medida em que o poder age sobre os sujeitos. Nesse contexto, Michel Foucault (2019, p. 39) enfatiza a importância de identificar de que maneira esse poder rege os enunciados: “O que está em questão não é o que rege os enunciados e a forma como eles se regem entre si [...]”, na verdade, o que está em questão é quais os “efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder” (Foucault, 2019, p. 39).

Dando continuidade, ao produzir saber e discurso, o poder também produz verdade. Por isso, Michel Foucault (2019, p. 52) enfatiza: “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. A verdade, em Foucault (2019, p. 53), não é única, ela é “um conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. Por isso, o filósofo afirma que é necessário analisar os efeitos de poder que fazem com que um enunciado seja considerado verdadeiro.

Nesse sentido, o conjunto de regras que determinam a veracidade de um enunciado é chamado de vontade de verdade. A vontade de verdade é um tipo de separação histórica, um sistema de exclusão que rege a nossa vontade de saber, e que é regido pelas instituições, sejam elas jurídicas, científicas, entre outras. Assim, a vontade de verdade é responsável por legitimar discursos, pois determina o que é verdadeiro ou falso em cada tempo. Por ser uma das restrições que os atinge, para além da interdição e da separação, a vontade de verdade exerce sobre eles uma pressão ou um poder de coerção (Foucault, 2014).

Além disso, segundo Foucault (2019), há uma economia política da verdade, a qual possui cinco características históricas. A primeira diz respeito ao fato de a verdade ser centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem. Somado a isso, a verdade está sob constante incitação política e econômica, ademais de ser um objeto de grande difusão e consumo. Por fim, ela é produzida sob o controle dominante de grandes aparelhos políticos e econômicos, sendo também objeto de confronto social e de debate político (Foucault, 2020).

Por essa razão, existe toda uma disputa em torno da verdade, visto que, quer seja no passado quer seja no presente, os sujeitos estão sempre em combate a fim de tomá-la para si. Como exemplo dessa disputa, temos os últimos dez anos do cenário político ocidental, que vive uma problemática relativa à disseminação de desinformação, sobretudo por meio das redes digitais. Nesse contexto, nunca se falou tanto sobre a importância da verdade, mais especificamente da verdade factual, termo problemático a partir da perspectiva foucaultiana, já que a verdade é uma construção histórica, em que as relações de saber-poder implicam diretamente na sua constituição, em detrimento dos fatos.

Assim, percebemos a atualidade da teoria foucaultiana, a qual relaciona o discurso, a verdade e a produção de saberes. Esses elementos são importantes não apenas para entender como funciona o discurso e como a sociedade se estrutura a partir dele, mas também para compreender os processos de subjetivação dos indivíduos e a constituição dos saberes.

### **Emoção e discurso: história do medo**

As emoções são construções sociais e históricas e, por esse motivo, possuem relação direta com o discurso (Sartre, 2020). Assim, sua expressão não é apenas algo inato ao ser humano, nem tampouco natural, mas discursivo e histórico, razão pela qual é mais complexo de ser analisado (Halbwachs, 2009).

No contexto da Antiguidade, especificamente na sociedade grega, Aristóteles cunhou um termo que se assemelha ao que conhecemos hoje por “emoções”: “Aristóteles [...] emprega o termo *páthos* para designar diversos sentimentos violentos que nós denominamos emoções” (Sartre, 2020, p. 30), posto que, para o filósofo, as *pathe* são sofridas pelos indivíduos, os quais podem sentir prazer ou dor.

Além disso, as emoções se manifestam também tanto na mitologia grega quanto na devoção dos gregos aos deuses, e, segundo Sartre (2020, p. 46), “existe incontestavelmente nos santuários e nas manifestações que lhe são ligadas uma encenação própria para emocionar, para provocar o medo, a admiração, o entusiasmo”. É dessa forma que os indivíduos conseguiam persuadir os deuses a perdoá-los ou a concederem seu pedido.

Considerando o contexto grego e romano antigo, percebemos que, antes da emergência do termo “emoção”, houve muitos outros igualmente utilizados para tentar explicar os “movimentos interiores” sentidos pelos indivíduos. Segundo Vigarello (2020, p. 291), “uma interioridade afetiva é doravante explicitada, designada, com suas desordens particulares, suas vicissitudes, todas suscetíveis de serem independente do corpo”, momento em que surge a separação entre o interior e o exterior do ser humano. Ainda de acordo com o autor, “esta distinção origina novas expressões de linguagem, exclusivamente centradas na alma ou no espírito” (Vigarello, 2020, p. 291-292).

As emoções são poderosas quando sentidas individualmente. Entretanto, ao serem expressas de maneira coletiva, podem causar impactos impossíveis de serem mensurados, afinal, “as emoções são contagiosas” (Febvre, 1985). Por isso, podemos dizer que existe uma ordem discursiva na sua expressão, como delineia Halbwachs (2009, p. 207): “As nossas

emoções se sujeitam a uma verdadeira disciplina social, de tal maneira que, na presença de acontecimentos de certo tipo, e em tais circunstâncias, que se produzem diuturnamente, é a sociedade que indica como devemos reagir”.

Um exemplo disso é a diferença de manifestação do luto nas sociedades ocidental e oriental, haja vista que os sujeitos geralmente utilizam vestimentas pretas no velório e enterro do ente falecido na primeira e, na segunda, costumam vestir branco no velório do familiar, como é o caso do Japão. Temos ainda a cidade do México, que celebra todos os anos O Dia dos Mortos, um evento que une o sagrado e o profano, e faz lembrar, com saudade e alegria, a vida dos que já partiram do mundo.

É na coletividade, sobretudo, que a expressão material das emoções pode ser vista. Para Guillaume Mazeau (2020, p. 145), “as emoções coletivas [...] são percebidas espontaneamente como causas da radicalização revolucionária”. Essa afirmação se dá a partir da análise do autor sobre a Revolução Francesa, um acontecimento discursivo que pode nos dar indícios do funcionamento das emoções e de sua relação com o discurso. Assim, sobre a expressão das emoções na Revolução, Mazeau (2020, p. 153) pontua: “as risadas tonitruantes, os barulhentos movimentos de alegria, as torrentes de lágrimas e os potentes clamores são, pois, na sua maioria, experimentados como as manifestações naturais de um impulso coletivo.”

Nesse sentido, o autor observa que as emoções passaram a ser instrumentalizadas no contexto da Revolução, fossem elas “boas” ou “ruins”, posto que o importante era que movimentassem a opinião pública. “Daí em diante, ninguém ignora que, para derrubar o poder, a ‘opinião pública’ e as emoções coletivas constituem alavancas temíveis” (Mazeau, 2020, p. 151).

Assim, os movimentos de resistência ao poder vigente, e até mesmo o próprio poder, utilizaram-se das emoções como instrumentos de persuasão, sobretudo do medo, que foi uma peça-chave no controle das revoltas camponesas (Mazeau, 2020). Dessa maneira, “reforçadas pela cesura e a má qualidade das informações que circulam, esse terror faz parte, portanto, do dia a dia” (Mazeau, 2020, p. 161). Por isso, o historiador enfatiza:

A experiência comum do medo, da alegria compartilhada diante das pequenas e grandes vitórias ou da dor após as prisões, as feridas ou a perda de “irmãos” e “amigos”, participa da criação de coletivos políticos, utilizando a linguagem da afeição, da fraternidade e do amor a fim de reunir e de mobilizar para além deles mesmos. (Mazeau, 2020, p. 172)

A partir dessa afirmação, entende-se o motivo pelo qual Mazeau (2020) destaca que os revolucionários eram hipersensíveis e hiperativos. Dessa forma, a utilização do dispositivo

político-sentimental por parte do governo da época foi uma estratégia de sucesso em certos momentos decisivos. Isso porque, além de se valer do medo para impedir revoltas, o poder também se utilizava desse dispositivo para se colocar como vítima perseguida pela Revolução. Por isso, o autor afirma que, “ao mobilizar poderosas energias coletivas, essa cultura vitimária é objeto de intensos usos políticos” (Mazeau, 2020, p. 183).

Nesse contexto, percebemos que o medo sempre foi uma emoção mobilizada para afetar as massas. A este respeito, segundo Delumeau (2009), em termos clínicos e fisiológicos, o medo é uma emoção-choque, provocada pela consciência de um perigo iminente. Já para a psiquiatria, o “medo” e a “angústia” são diferentes, pois o primeiro possui um objeto específico enquanto a segunda não possui objeto identificado. Apesar disso, medos repetidos podem gerar crises de angústia (Delumeau, 2009).

Isso acontece porque o medo está profundamente atrelado à ansiedade, também denominada por Sigmund Freud de “angústia” e “mal-estar na civilização”. Além disso, Courtine (2020) enfatiza que ela é justamente o afeto das massas. A partir dessas considerações, entendemos que a produção discursiva do medo depende, em partes, da ansiedade, afinal:

Os grandes medos depositam sedimentos discursivos nas memórias coletivas, das quais a ansiedade os recolhe. A ansiedade é o campo da memória dos medos atenuados, filtrados, não completamente apagados. Os medos ali se ocultam, se enfraquecem tornam-se irreconhecíveis, “brancos”, vazios, esquemáticos, mas nunca desaparecem completamente. A ansiedade e os discursos que a materializam [...] (Courtine, 2020, p. 433).

Por isso, Febvre destaca que o século XVI foi o século do “medo sempre e em toda parte” na Europa, medo esse que se refere justamente à neblina que a ansiedade produz: um medo constante que está em todo lugar, mas que não tem objeto (Bauman, 2022). A este respeito, o autor ainda chama a atenção para as ressurreições de medos antigos no mundo líquido-moderno (Bauman, 2022). Desse modo, “o temor da volta das doenças contagiosas pertence, também, aos medos recolhidos no fundo de cada um de nós. Daí a comparação fácil que muito se faz hoje de apresentar a AIDS como a ‘peste’ de nossa época” (Delumeau, 2009, p. 45).

Nesse contexto, o “pânico da AIDS” reapareceu em meados do ano de 2021, quando o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, divulgou uma desinformação em uma *live* no Facebook. Isso porque, de acordo com a notícia lida por Bolsonaro: “Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados - aqueles com 15 dias após a segunda dose - estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (aids) muito mais rápido que

o previsto” (O Globo Saúde, 2021), afirmação essa que é falsa e que foi desmentida por diversas entidades médicas. Entretanto, foi o suficiente para reacender o “pânico da AIDS”, adormecido no inconsciente dos sujeitos brasileiros.

Apesar de sua intensidade, a efetividade dos grandes medos que ressurgem, bem como a expectativa dos medos atuais, é bastante curta (Bauman, 2022). Por isso, o referido autor cunhou o termo “medo líquido”, tendo como base o conceito de “vida líquida” que “flui ou se arrasta de um desafio e de um episódio para outro [...]” (Bauman, 2022, p. 14). No mundo líquido de Bauman, a única constante é a efemeridade, inclusive a do medo.

Para Courtine (2020), o mundo viveu três eras da ansiedade, as quais se encontram nos séculos XX e XXI: a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e o 11 de setembro. Esses eventos modificaram a forma como os sujeitos lidam com o medo, sobretudo coletivamente. Assim, qualquer evento atual que rememore esses “traumas” aflige os sujeitos, que já se encontram imersos no contexto de ansiedade sobre o qual discutimos. Por isso, entendemos que o discurso do medo toma uma forma material graças à ansiedade e também à memória discursiva<sup>3</sup> e coletiva dos sujeitos.

Tudo isso significa, em outras palavras, ver na ansiedade estruturas narrativas flutuantes, em parte submersas, largamente indeterminadas, comportando espaços vazios de sujeito e de objeto, mas prontas, quando as circunstâncias históricas exigem, ou são arranjadas por um evento [...] para ressurgirem e para se converterem em discursos de medo, carregados de ameaças e de inimigos. Vemos então que a ansiedade, como discurso, é o pré-construído do enunciado do medo, um medo em estado virtual, latente, uma célula discursiva adormecida, de alguma forma, à espera de objeto e de agente (Courtine, 2020, p. 433).

Essas narrativas flutuantes pelas quais a ansiedade é responsável foram e ainda são condições de emergência de discursos de desinformação, sobretudo no contexto da vacinação contra a Covid-19. Além disso, serviram de “munição” para o reaparecimento de discursos antivacina e anticiência, bem como de discursos que questionam o caráter de verdade de instituições de saber e poder, como a mídia, a justiça e a ciência. Essa problemática será apresentada e discutida na próxima seção deste trabalho.

---

<sup>3</sup> “A ideia de memória discursiva implica que não existem discursos que não sejam interpretáveis sem referência a uma tal memória” (Courtine, 2013, p. 43).

## **A desinformação e seus funcionamentos discursivos: *fake news* e pós-verdade**

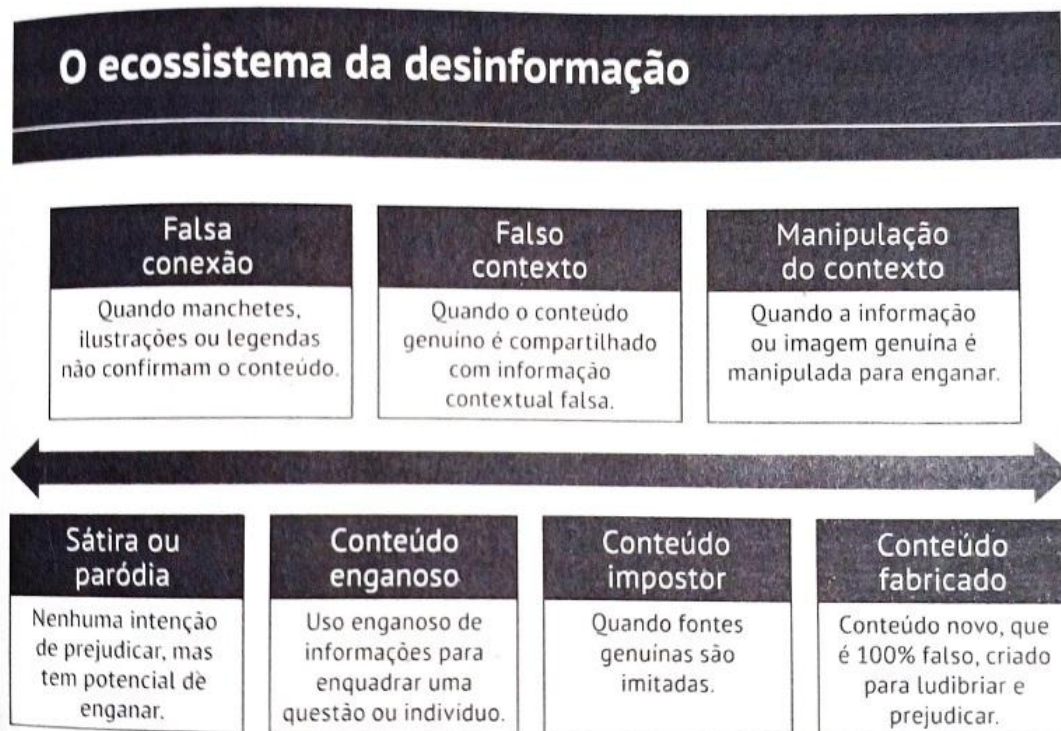
A desinformação não é uma problemática recente no mundo globalizado. Entretanto, nos últimos anos, ela tem despertado uma maior preocupação das democracias mundiais. A própria Organização Mundial da Saúde (OMS) criou um termo para se referir a esse fenômeno em grande escala:

Ainda que não tenha se consolidado plenamente como um conceito formal, a noção de infodemia já esteve atrelada a epidemias anteriores (OMS 2019 apud Massarani, 2021, p. 2). A rápida e intensa dispersão de informações, potencializada pelo uso de redes sociais e dispositivos móveis, pode dificultar a identificação de informações confiáveis, impactando a percepção dos riscos e gerando relutância de parte da população em adotar medidas de contenção (OMS, 2018 apud Massarani, 2021, p. 2).

Em outras palavras, a infodemia se refere à quantidade excessiva de informações consumidas pelos sujeitos, das quais não se consegue nem avaliar a veracidade nem ter a comprovação de que são falsas. Assim, esse fenômeno se tornou uma problemática ainda mais grave com a ascensão das redes sociais digitais e passou a influenciar democracias e a causar grandes problemas no combate à pandemia de coronavírus.

Tal infodemia abarca também o fenômeno da desinformação, definido pela Unesco (2019, p. 47-48) como “uma informação falsa e a pessoa que a divulga sabe que é falsa. É uma mentira intencional e deliberada, e resulta em usuários sendo ativamente desinformados por pessoas maliciosas”. Segundo o manual para jornalistas desenvolvido pela própria Unesco (2019), é mais produtivo se referir às informações falsas como desinformação, e não somente como *fake news*, pois é um acontecimento mais complexo do que o termo pode abarcar. Para Claire Wardle (2017), existe um ecossistema da desinformação, que se organiza da seguinte forma:

Figura 1- O ecossistema da desinformação



Fonte: Cursino, Sargentini e Piovezani (2021, p. 81).

Esse ecossistema é formado por sete tipos de enunciados que compõem o fenômeno da desinformação, sobretudo nas redes sociais digitais. São eles: falsa conexão, falso contexto, manipulação de contexto, sátira ou paródia, conteúdo enganoso, conteúdo impostor e conteúdo fabricado. Um mesmo enunciado pode conter mais de um tipo de conteúdo presente no ecossistema de Wardle (2019), e isso porque os enunciados falsos estão sendo construídos linguisticamente de maneira cada vez mais complexa e difícil de ser identificada.

Dando continuidade, entendemos que a desinformação é um fenômeno histórico e, portanto, discursivo, possuindo dois funcionamentos: a pós-verdade e a *fake news*. Ambos possuem estruturas linguísticas e históricas distintas, mas podem atuar de maneira conjunta, dependendo do contexto em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, vários pesquisadores das áreas de comunicação, linguística e psicologia se dedicaram, ao longo dos últimos dez anos, a discutir a pós-verdade e seus impactos nas diversas áreas da sociedade. Para Farkas e Shou (2019 apud Fernandes et al., 2020), a pós-verdade corresponde a uma era em que evidências científicas estão sendo substituídas por fatos alternativos. Em complementariedade a esta afirmação, Dunker (2017) enfatiza que essa era é caracterizada pela supremacia do discurso emotivo.

O termo pós-verdade emerge, mais precisamente, no ano de 2016, quando a palavra é eleita “palavra do ano” pelo dicionário *Oxford*. Essa escolha não se deu por acaso, afinal, em 2016, aconteceram as eleições presidenciais norte-americanas que consagraram Donald Trump o novo presidente dos Estados Unidos. As eleições daquele ano foram bastante conturbadas, pois todo o contexto eleitoral foi atravessado pela pós-verdade e pela disseminação de *fake news*.

Nesse contexto, o dicionário *Oxford* define a pós-verdade como: “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’Ancona, 2018, p. 20). Para Sargentini e Varoni (2021), existem dois significados para o termo: o primeiro diz respeito à incapacidade de diferenciação dos relatos baseados em acontecimentos daqueles que são inventados no contexto das redes sociais. O segundo sentido se refere à circulação e recepção desse conteúdo, visto que as crenças e ideologias do sujeito determinarão o que ele vai considerar como verdadeiro ou falso.

Junto a tais definições de pós-verdade, trabalharemos com o conceito apresentado por Fontana (2021), que a toma como uma forma de enunciação política:

Uma forma histórica de enunciação política caracterizada por ser a fala pública de um locutor autorizado, identificado por um nome próprio e inscrito em um lugar institucional de destaque no campo político, a quem lhe seria atribuído um modo de dizer emocional e irracional e uma vontade de enganar e ludibriar a opinião pública (Fontana, 2021, p. 90-91).

A partir dessa definição, Fontana (2021) apresenta características muito específicas da enunciação da pós-verdade, que a distingue dos outros conceitos trazidos anteriormente, e destaca os elementos cruciais desse modo de dizer: a identificação do sujeito que possui um lugar de poder, e tem um dizer emocional, além de uma vontade de manipular a opinião da sociedade.

Na era da (des)informação e da pós-verdade, o que se percebe é uma:

[...] inquietação, mal-estar, emoções difusas [que] dominam então as vertentes contemporâneas do espaço psíquico. Uma ansiedade inédita, apenas velada, ganhou as consequências, desta vez aguçando como jamais antes o terreno emotivo, suas formas, seus graus (Courtine, Corbin; Vigarello, 2020, p. 18).

Associados às tecnologias de informação, aos meios de comunicação em massa, como as redes sociais, e à disseminação de *fake news*, essa inquietação e mal-estar produzem verdadeiras catástrofes, como afirma Courtine (2020, p. 20): “O que produz os laços entre as

emoções e o discurso é o caráter coletivo de muitas dessas emoções”. Assim, no contexto da pandemia, por exemplo, a partir de certos enunciados, sobretudo os das *fake news*, os sujeitos retomaram em suas memórias discursivas as grandes epidemias e pandemias que assolaram o mundo em épocas passadas, como sintetiza Courtine (2020): os grandes medos históricos depositam sedimentos discursivos na memória coletiva dos sujeitos, e a ansiedade os recolhe.

Nesse ínterim, as redes sociais são terreno fértil para a proliferação de enunciados falsos. Isso porque elas são “uma máquina temível que se nutre de raiva e tem como único princípio o engajamento de seus partidários. O importante é alimentá-la permanentemente com ‘conteúdos quentes’ que suscitem emoções” (Empoli, 2020, p. 85). Apesar da definição bastante negativa dada pelo autor, não podemos resumir as redes sociais digitais apenas a isso. Entretanto, tal definição considera, sobretudo, como o funcionamento dessas mídias se dá: a partir do engajamento, como número de curtidas e compartilhamento. Além disso, há uma ansiedade intrínseca presente tanto nessas redes quanto nesses enunciados falsos, as *fake news*, fazendo com que se tornem um verdadeiro perigo à democracia mundial.

Por fim, essa ansiedade de que fala Courtine é constantemente alimentada pelos algoritmos presentes nas redes digitais, como diz D’Ancona (2018, p. 53):

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e hashtags, tendem a nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco. [...] A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas. Definhamos no assim chamado “filtro bolha”.

Essa dinâmica “filtro bolha” na qual os sujeitos estão inseridos faz com que eles vivam quase que em uma “realidade paralela”, responsável pelo aumento do pânico e da ansiedade, causados principalmente pelos enunciados falsos. Isso é ainda mais desafiador, pois a lógica interna dos algoritmos impede que essas *fake news* sejam contestadas e desmentidas.

É importante pontuar que esses funcionamentos discursivos são ainda mais complexos do que os próprios conceitos apresentados por Fontana (2021), visto que uma pós-verdade pode se originar de uma *fake news*, como é o exemplo da declaração de Bolsonaro em uma *live* no *youtube*, na qual lia uma desinformação presente no *site* norte-americano de notícias falsas. Significa dizer que uma pós-verdade também pode circular como *fake news*, bastando apenas ser publicada em um *site* ou em uma rede social digital.

Esses funcionamentos discursivos são extremamente adaptativos assim como o comportamento das redes digitais e a própria maneira como as informações e desinformações circulam na sociedade atual. Assim sendo, notícias falsas “funcionam como ‘efeitos de verdade’

ainda que operacionalizados por enunciações por nós consideradas como produtoras de desinformação” (Dorne, 2024, p. 479).

Por fim, as grandes empresas de dados, popularmente conhecidas como *Big Techs*, também são responsáveis pela problemática da desinformação, à medida que são elas que regulam as informações disponibilizadas aos usuários, principalmente nas redes sociais. Recentemente, por exemplo, o fundador da *Meta*, Mark Zuckerberg, afirmou que encerrará o sistema de checagem de fatos presente nas redes sociais da empresa<sup>4</sup>, atividade que se tornou essencial após os fenômenos de disseminação desenfreada de desinformação nas redes sociais digitais.

Tendo isso em mente, não há como falar da problemática da desinformação, sobretudo nas redes sociais digitais, sem falar do fenômeno da plataformação, compreendido por estudiosos de *software*, da área de economia política e de negócios, como: “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 5).

Em outras palavras, atualmente, o fenômeno da plataformação impacta todas as áreas da vida dos sujeitos, sendo responsável por mudar a maneira como os sujeitos se relacionam com a informação e também a forma como a produzem. “Isso, por sua vez, molda a forma como as plataformas evoluem como infraestruturas de dados, mercados e estruturas de governança com particularidades” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 5). Por isso, podemos observar que o que está em curso é a condução das condutas dos sujeitos, isto é, é o neoliberalismo, a partir do governo de plataformas, em que as *Big Techs* detêm todo o poderio sobre o que pode e o que não pode circular no tecido social.

## **Desinformação e produção discursiva do medo: análise de enunciados sobre a vacinação**

Nesta seção, propomos a análise de dois enunciados que se enquadram na categoria de desinformação, posto que apresentam “conteúdo enganoso”, como o nomeia Wardle (2017) no ecossistema da desinformação. O primeiro enunciado possui o funcionamento discursivo de uma pós-verdade, pois, de acordo com Fontana (2021), ela possui um locutor autorizado e

---

<sup>4</sup> HELDER, Darlan; SALATI, Paula; SOUZA, Vivian. Meta, dona de Instagram e Facebook, encerrará sistema de checagem de fatos para adotar 'notas de comunidade' como no X. *GI*, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-sistema-de-checagem-de-fatos-e-notas-de-comunidade-como-no-x.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

identificado institucionalmente por um nome e uma posição de prestígio. O primeiro enunciado a ser analisado é uma declaração feita pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, durante uma entrevista no Palácio do Planalto no dia 8 de dezembro de 2021: “Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar. Até porque os efeitos colaterais e adversos são enormes” (Fagundes, 2021).

Esse enunciado que circulou em contexto brasileiro evidencia um discurso anticiência, que encontra a possibilidade de emergência no próprio contexto de pandemia, e ainda antes, com a ascensão mundial de movimentos negacionistas e antivacina, compostos por sujeitos que, segundo Vignoli e Rabello (2021), rejeitam e questionam programas vacinais de todo o tipo. Nesse sentido: “Os argumentos antivacina encontram raízes históricas nos últimos dois séculos, e vêm sendo difundidos, mais recentemente, por meio de mídias sociais, que facilitam a disseminação de enunciados enganosos em relação às vacinas” (Succi, 2018 apud Vignoli; Rabello, 2021, p. 2).

Com essa declaração feita por parte da figura de maior poder à época, isto é, por um presidente, o enunciado produz efeitos de poder e de verdade sobre a vacinação, a exemplo de outros, como “se vacinar não é importante” ou “vacinas não possuem eficácia”. Somado a isso, o referido enunciado revela um discurso individualista, próprio da razão neoliberal, como no excerto: “Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar” (Fagundes, 2021).

A racionalidade neoliberal tem como base principal a concorrência entre os sujeitos, o que produz discursos individualistas como o que está posto no enunciado. Assim, para Dardot e Laval (2021, p. 15): “O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”.

Além do discurso neoliberal presente no enunciado, observamos a produção discursiva do medo em: “Até porque os efeitos colaterais e adversos são enormes” (Fagundes, 2021). Isso porque, com o uso das palavras “efeitos colaterais e adversos” e “enormes”, cria-se o medo da vacina, intensificado ainda mais com a retomada, na memória discursiva dos sujeitos, de casos de efeitos colaterais causados por outros tipos de imunizante, além do contexto de pânico, à

época, de se contaminar ou de morrer devido ao vírus, afinal, estávamos em um cenário pandêmico e o Brasil já contava com 616.298 óbitos<sup>5</sup> causados pela doença.

Desse modo, entendemos que os efeitos de sentido de medo e de pânico causados pelo *conteúdo enganoso* (Wardle, 2017) presente no discurso do ex-presidente são gerados tanto pelas condições históricas de sua produção, quanto pelo léxico utilizado na construção enunciativa. Nesse sentido, Courtine revela que:

A ansiedade é o campo da memória dos medos atenuados, filtrados, não completamente apagados. Os medos ali se ocultam, se enfraquecem, tornam-se irreconhecíveis, “brancos”, vazios, esquemáticos, mas nunca desaparecem completamente. A ansiedade e os discursos que a materializam [...] (Courtine, 2020, p. 433).

Dessa forma, entendemos que a ansiedade e o medo possuem uma relação que se “retroalimenta”, e a grande diferença que se pode estabelecer entre essas emoções é justamente o fato de a ansiedade não possuir um objeto definido. Por isso, é uma emoção presente a todo momento, como uma neblina, aguardando a emergência de um acontecimento que desperte outros sentimentos, como o medo (Courtine, 2020). Assim, quando um medo surge, ele retoma em nossa memória discursiva lapsos de emoções e de memórias de outrora que lhe são referentes. Isso acontece graças à ansiedade, que recolhe os sedimentos de discursos na memória dos sujeitos.

A produção discursiva do medo também pode ser observada em enunciados presentes nas plataformas de mídia alternativa de extrema-direita, como o *Jornal Tribuna Nacional*, excluído por seus moderadores em 2024<sup>6</sup>, mas que, em 2 de setembro de 2023, publicou a seguinte notícia:

---

<sup>5</sup> Brasil tem 231 mortes por Covid-19 em 24 horas; média móvel segue abaixo de 200 pelo 5º dia seguido. *GI*, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/08/brasil-tem-231-mortes-por-covid-19-em-24-horas-media-movel-segue-abaixo-de-200-pelo-5o-dia-seguido.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

<sup>6</sup> Apesar da exclusão do *site*, conseguimos acessá-lo por meio da plataforma *Wayback Machine*, feita por iniciativa do *Internet Archive*, uma organização sem fins lucrativos que arquiva cerca de 960 bilhões de *sites* presentes na *internet*, mesmo que eles tenham sido excluídos. Assim, para acessar qualquer *site* em qualquer data, é necessário apenas copiar o *link* e colar no espaço solicitado na *Wayback Machine*, selecionando a data específica do seu interesse. Em resumo, funciona como uma biblioteca digital, como afirmam seus criadores.

Figura 2 - Desinformação publicada no site *Jornal Tribuna Nacional*

02/09/2023 às 10h31min - Atualizada em 02/09/2023 às 10h31min

## Governo admite que milhões de crianças têm agora VAIDS - Mídia em silêncio

Milhões de crianças em todo o mundo vacinadas com a vacina mRNA Covid da Pfizer desenvolveram a imunodeficiência adquirida (VAIDS), de acordo com um relatório governamental chocante.

Comentar

Cristina Barroso  
Frontnews



(Reprodução)

Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*.

A notícia falsa acima reproduzida possui uma estrutura semelhante às notícias de jornais de mídia tradicional, quais sejam a fonte, o título, o subtítulo e o lide, assim como aparecem nos portais do Uol e do G1. Seu título afirma que o “Governo admite que milhões de crianças agora têm VAIDS - Mídia em silêncio” (Barroso, 2023); tal enunciado se configura como *conteúdo enganoso*, de acordo com o ecossistema da desinformação de Wardle (2017), pois enquadra uma questão específica e atribui a ela informações falsas.

O uso de palavras como “governo” produz efeitos de poder que atribuem veracidade ao dito no enunciado; além disso, observamos o emprego de um neologismo, isto é, de VAIDS, para se referir à AIDS adquirida devido à vacinação contra o coronavírus, afirmação essa que é falsa<sup>7</sup>. Trata-se de um resgate da memória da AIDS, doença que matou milhões de pessoas

<sup>7</sup> A Agência Lupa, responsável pela checagem de fatos de notícias, fez a checagem da desinformação que relaciona a vacinação contra o coronavírus e a AIDS, afirmando que essas afirmações afins são falsas. REIS, Camila. É falso que as vacinas contra a Covid-19 vêm com ‘AIDS dentro’. *Lupa*, 12 jun. 2023. Disponível em:

desde o seu surgimento na década de 80, a qual passou a ser chamada, de maneira pejorativa, de “peste gay”, devido ao fato de suas vítimas, em parte, serem homossexuais. Nesse sentido, a partir da leitura do enunciado, são retomados, na memória discursiva dos sujeitos, a “peste gay” e o “pânico da AIDS”, atribuindo efeitos negativos à vacina contra a Covid-19 e produzindo o discurso do medo da vacina, ou seja, “o pânico da vacina”.

Além disso, o uso, tanto no título quanto no subtítulo, do léxico “criança”, é responsável por sensibilizar o sujeito leitor da matéria, sobretudo ao observarmos a imagem que complementa a notícia: um bebê tomando vacina. Todos esses elementos são responsáveis por construir, a partir da empatia, efeitos de verdade e emoções negativos sobre o imunizante contra o coronavírus.

Na continuidade, o enunciado “Mídia em silêncio” produz efeitos de crítica e evidencia o discurso anti-institucional que tem tomado forma a partir da ascensão da pós-verdade, no sentido que Farkas e Shou (2019 apud Fernandes et al., 2020) o apresentam, a saber, uma era em que fatos alternativos estão substituindo evidências científicas. Dessa forma, percebe-se um aumento nos ataques, diretos ou indiretos à mídia, sobretudo por parte de governantes de extrema-direita, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, além de seus apoiadores.

Somado a isso, o subtítulo também apresenta *conteúdo enganoso* ao afirmar: “Milhões de crianças em todo o mundo vacinadas com a vacina mRNA Covid da Pfizer desenvolveram a imunodeficiência adquirida (VAIDS), de acordo com um relatório governamental chocante” (Barroso, 2023). A produção de efeitos de poder dessa notícia se dá a partir da menção de “relatório governamental”, atribuindo veracidade ao enunciado pela menção à instituição de poder; ademais, a utilização, mais uma vez, do neologismo “VAIDS”, bem como do léxico “chocante”, produz o discurso de medo da vacina e reacende o “pânico da AIDS”, conferindo efeitos negativos ao imunizante.

Essa notícia se caracteriza como *fake news*, devido ao fato de não possuir um locutor autorizado e pertencente a uma instituição de poder (Fontana, 2021); nesse caso, apesar de o texto ter autoria, não é possível legitimá-la, em razão, sobretudo, de ele não pertencer a um veículo de notícias sério e responsável, com compromisso com os fatos, o que faria com que retomasse, ao longo do texto, dados verídicos para constituir a notícia.

Finalmente, ao fazermos uma comparação entre os dois enunciados, a fim de encontrar suas regularidades discursivas, percebemos similaridades no que diz respeito ao uso de um léxico que produz o medo, como o uso das palavras “efeitos colaterais” e “enormes”, uma

seguida da outra, no primeiro enunciado; outrossim, o emprego do vocábulo “chocante”, no segundo enunciado. Essas escolhas lexicais não são acidentais e revelam uma regularidade presente em notícias falsas, independentemente de seu funcionamento discursivo em se tratando de *fake news* ou pós-verdade.

Ademais, há também a presença de discursos anticiência e antivacina nos dois enunciados, para além do fato de que ambos se constituem como desinformação, à medida que, no primeiro, Jair Bolsonaro afirma, equivocadamente, que não tomará a vacina contra o coronavírus devido aos “efeitos colaterais adversos” e, no segundo, tem-se uma crítica indireta à mídia como instituição, a partir do dizer “mídia em silêncio”.

Por fim, a problemática da desinformação, independentemente de seus funcionamentos discursivos, é urgente e preocupante, sobretudo em função de sua relação com o discurso do medo, como vimos anteriormente. Além disso, a plataformização ocupa um lugar central nessa discussão, visto que, sem o apoio das *Big Techs* no combate à desinformação, de qualquer nível e em qualquer plataforma, é impossível opor-se a esse problema.

## Conclusão

Em conclusão, este artigo propôs investigar como a desinformação nas redes digitais contribui para a produção do discurso do medo no contexto da vacinação contra o coronavírus no Brasil. Para tanto, utilizamos como *corpus* de análise dois enunciados. O primeiro se trata de uma declaração do ex-presidente Jair Bolsonaro, na qual ele afirma, de forma equivocada, que não tomará a vacina contra o coronavírus devido aos seus efeitos colaterais enormes. O segundo diz respeito a uma notícia falsa publicada no *site* de mídia alternativa *Jornal Tribuna Nacional*, a qual afirma que crianças contraíram AIDS em razão da vacinação contra a Covid-19.

A partir da análise desses enunciados, percebemos que a desinformação produz o discurso do medo por meio das escolhas lexicais para compor a notícia falsa, isto é, por meio do emprego de palavras que remetem a experiências negativas, ou ainda, da atribuição de doenças graves como efeito da vacina contra a Covid-19. Tais enunciados ganham legitimidade graças à posição do sujeito-presidente, a saber, Jair Bolsonaro, bem como à utilização de uma estética semelhante àquela usada por portais de notícias do jornalismo tradicional.

Entendemos que tal problemática é também estimulada pela maneira como as redes sociais digitais funcionam, além do fato de as *Big Techs* deterem o poder sobre as informações

que podem ou não circular. Assim, apesar de haver sistemas de checagem de fatos, é necessária a regulação das redes sociais digitais, afinal, o problema é, sobretudo, estrutural, e impacta, de maneira direta, a forma como os sujeitos se relacionam com as informações.

## Referências

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BRASIL tem 231 mortes por Covid-19 em 24 horas; média móvel segue abaixo de 200 pelo 5º dia seguido. **G1**, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/08/brasil-tem-231-mortes-por-covid-19-em-24-horas-media-movel-segue-abaixo-de-200-pelo-5o-dia-seguido.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**, 25 maio 2025. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 maio 2025.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020a.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções**: das Luzes até o final do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções**: do final do século XIX até hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020c.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. O medo na era da ansiedade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (orgs.). **História das emoções**: do final do século XIX até hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (Pós)Verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2013.

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, A. (org.). **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Sesc, 2009.

DORNE, Vinícius Durval. “É verdade esse bilete!”: racionalidades em jogo na produção da (des)informação. In: BRAGA, A.; SÁ, I. (orgs.) **Discursos e desigualdades**: cartografar com Foucault. Capina, SP: Pontes Editores, 2024.

DUNKER, Cristian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre / São Paulo: Dublinense, 2017.

EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAGUNDES, Murilo. Bolsonaro critica vacinas e diz que Michelle e ministros “passaram mal”. **Poder 360**, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-vacinas-e-diz-que-michelle-e-ministros-passaram-mal/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FEBVRE, Lucien. Como reconstituir a vida afectiva de outrora? A sensibilidade e a história. In: FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 217-232.

FERNANDES, Carla Montuori et al. A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5317>

HALBWACHS, Maurice. A expressão das emoções e a sociedade. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, p. 201-218, abr. 2009.

HELDER, Darlan; SALATI, Paula; SOUZA, Vivian. Meta, dona de Instagram e Facebook, encerrará sistema de checagem de fatos para adotar 'notas de comunidade' como no X. **G1**, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-sistema-de-checagem-de-fatos-e-notas-de-comunidade-como-no-x.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MAZEAU, Guillaume. Emoções políticas: a Revolução Francesa. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (orgs.). **História das emoções**: das luzes até o final do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; Van Dijck, José. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Vale do Rio dos Sinos, v. 22, n. 1, p. 63-77, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>

REIS, Camila. É falso que as vacinas contra a Covid-19 vêm com ‘AIDS dentro’. **Lupa**, 12 jun. 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/12/e-falso-que-as-vacinas-contra-a-covid-19-vem-com-aids-dentro>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SARGENTINI, Vanice; VARONI, Pedro. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake news. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso e (Pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021, p. 73-86.

SARTRE, Maurice. Os gregos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Rayane Medeiros dos Santos Cavalcante. O discurso e as emoções: a desinformação e o discurso de medo no cenário da vacinação contra o coronavírus no Brasil.

VIAL-LOGEAY, Anne. O universo romano. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (orgs.). *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2025

Aceito em: 2 de maio de 2025